

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Hilferding, Rudolf, 1877-1941.
H543c O capital financeiro / Rudolf Hilferding ; introdução de Tom Bot-
tomore ; tradução de Reinaldo Mestrinel ; tradução da introdução de
Wanda Nogueira Caldeira Brant. — São Paulo : Nova Cultural, 1985.
(Os economistas)

1. Capital (Economia) 2. Finanças I. Título.

85-0138

17. e 18. CDD-332
18. -332.041

Índices para catálogo sistemático:

1. Capital : Economia 332 (17.) 332.041 (18.)
2. Finanças : Economia 332 (17. e 18.)

Introdução à Edição Inglesa*

I

Quando *O Capital Financeiro* de Rudolf Hilferding apareceu pela primeira vez, em 1910, foi imediatamente considerado uma contribuição original de vulto para a teoria econômica marxista. Em artigo publicado por *Der Kampf*,¹ Otto Bauer observou que o livro poderia ser quase encarado como um volume adicional a *O Capital*, no qual se mostra que as antecipações esboçadas por Marx a respeito da concentração do capital e do estágio seguinte do desenvolvimento da economia capitalista correspondem ao que realmente ocorreu após sua morte. Em longo ensaio publicado pelo *Die Neue Zeit*,² Karl Kautsky descreve, de forma semelhante, o livro de Hilferding como continuação de *O Capital* e uma demonstração brilhante da fecundidade do método marxista, aplicado particularmente a um estudo daqueles fenômenos que, nos volumes II e III inacabados de *O Capital*, o próprio Marx não conseguiu investigar ou analisar exaustivamente.

Pouco depois, Lênin baseia seu estudo do imperialismo³ na "análise teórica muito valiosa" de Hilferding e caracteriza os principais traços do imperialismo — os monopólios, o capital financeiro, a exportação de capital, a formação de cartéis internacionais e a divisão territorial do mundo — em termos que são, obviamente, derivados dela. Nikolai Bukharin, que foi o mais talentoso dos teóricos sociais bolcheviques, particularmente no campo econômico, refere-se à sua dívida para com a obra de Hilferding em vários de seus trabalhos.⁴ Em *Imperialism and World Economy*, completado alguns meses antes do estudo de Lênin (e, por este, utilizado), o "ponto de partida e inspiração fundamental"⁵ de Bukharin foi *O Capital Financeiro*, mas ele apresenta

* Esta Introdução foi traduzida de HILFERDING. Rudolf: *Finance Capital — A study of the latest phase of capitalist development*. Edited with an Introduction by Tom Bottomore. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1981, p. 1-17 (N. do E.)

¹ BAUER, Otto. "Das Finanzkapital". In: *Der Kampf*, III (1909-1910), p. 391-397.

² KAUTSKY, Karl. "Finanzkapital und Krisen". In: *Die Neue Zeit*, XXIX (1911), p. 764-772, 797-803, 838-846, 874-883.

³ LÊNIN, V. I. *Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*. (1916).

⁴ Ele havia entrado em contato com a escola marxista austríaca durante sua estada em Viena, entre 1912 e 1914, e foi durante essa época que escreveu seu primeiro livro, um ataque à teoria econômica marginalista austríaca, *The Economic Theory of the Leisure Class*. Stephen Cohen, em seu estudo biográfico, *Bukharin and the Bolshevik Revolution*, observa que "o marxismo austríaco, particularmente *O Capital Financeiro* de Hilferding... teria uma influência duradoura sobre Bukharin", e que, mesmo após 1917, quando os marxistas austríacos foram preteridos como "reformistas", Bukharin manteve uma relutante admiração por suas realizações teóricas". (p. 21.)

⁵ COHEN. *Op. cit.*, p. 25.

a teoria de Hilferding de maneira mais intransigente, insistindo em que "o capital financeiro não pode seguir outra política, senão a imperialista", que conduz inevitavelmente à guerra; ampliou-a também por entender que as mudanças estruturais verificadas no capitalismo resultaram em um sistema de "capitalismo de Estado", no qual um Estado intervencionista adquire imensos poderes novos, regulando e "militarizando" toda a Economia. Essa concepção do capitalismo moderno constitui a base de boa parte do trabalho subsequente de Bukharin, inclusive de seu conhecido livro *The Economics of the Transformation Period* (1920) e, como será visto depois, ele teve algumas afinidades com a noção de "capitalismo organizado" de Hilferding, embora o significado político fosse diferente.

A teoria do imperialismo de Hilferding, desenvolvida na parte final de seu livro, foi a de maior influência imediata, como pode ser visto, não só pelas réplicas dos pensadores marxistas, como pela atenção que um crítico da estatura de Joseph Schumpeter deu a ela em suas referências à escola marxista austríaca.⁶ Além disso, *O Capital Financeiro* também incluía muitas outras concepções novas. Ocupava-se da natureza do capitalismo moderno, da estrutura de classes, do Estado e da política da classe operária, assuntos que Hilferding continuou a desenvolver e a rever em suas obras posteriores. Antes de passarmos para um exame detalhado de seus temas principais, vale a pena situar o livro no contexto da vida e da obra Hilferding como um todo.

II

Rudolf Hilferding nasceu em 10 de agosto de 1877, em Viena. Filho único de Emil Hilferding, que era tesoureiro geral da *Allianz* (tradicional companhia de seguros) e de Anna Hilferding (nascida Liss). Após frequentar o Staatsgymnasium, no Distrito 2 de Viena (Leopoldstadt), ingressou na Universidade de Viena para estudar medicina; obteve o seu título de doutor em 1901. Depois de formado, exerceu a medicina, pelo menos até 1906 (o que fazia também durante seu serviço militar na Primeira Guerra Mundial); dedicou igualmente muito tempo aos estudos econômicos, pelos quais se interessara desde a época em que ingressara na Associação dos Estudantes Socialistas, aos quinze anos. Começou a escrever sobre questões econômicas e sociais quando ainda cursava a Universidade, sendo que alguns de seus primeiros artigos apareceram no *Le Mouvement Socialiste* (Paris), em 1899-1900. A partir de 1902, foi colaborador frequente (para assuntos econômicos) do *Die Neue Zeit*, o principal jornal dos teóricos marxistas daquele período (editado por Karl Kautsky), e tornou-se bastante conhecido depois de publicar, em 1904, sua réplica à crítica de Böhm-Bawerk à teoria econômica de Marx.⁷

Nessa época, Hilferding já se empenhava com Max Adler na organização dos *Marx-Studien* (publicados irregularmente de 1904 até 1923); visavam estes tornar-se um meio de expressão do socialismo austríaco e da recém-surgida versão austríaca da teoria marxista. Logo depois, em 1906, foi convidado para assumir o leitorado de economia na escola do Partido Social-Democrata, em Berlim, mas foi obrigado a deixar o cargo quando o Governo proibiu a nomeação de estrangeiros para cargos docentes; tornou-se, então, editor estrangeiro do *Vorwärts*. A partir de 1907, passou a colaborar frequentemente (algumas vezes sob o pseudônimo de Karl Emil) com *Der Kampf*, jornal mensal recém-organizado pelo Partido Social-Democrata austríaco; tra-

⁶ Ver SCHUMPETER, J. A. *Zur Soziologie der Imperialismen* (1919) e *Capitalism, Socialism and Democracy* (1942).

⁷ Eugen von Böhm-Bawerk (1851-1914) foi o principal representante da escola de economia marginalista austríaca e um forte oponente do socialismo, que publicou seu estudo crítico da economia política marxista, sob o título *Zum Abschluss des Marx'schen Systems*, em 1896. A réplica de Hilferding, *Böhm-Bawerks Marx-Kritik*, apareceu no volume I do *Marx-Studien* (Viena, 1904). O estudo de Böhm-Bawerk e a réplica de Hilferding foram publicados juntos em tradução inglesa em um volume editado por Paul Sweezy, com introdução do mesmo.

balhou também, durante esse período, na complementação de seu maior trabalho, *O Capital Financeiro*. Em 1904, Hilferding casou-se com Margarethe Hönigsberg, médica que conhecera no movimento estudantil socialista; tiveram dois filhos — Karl Emil (1905/42) e Peter (nascido em 1908). Mais tarde, divorciou-se, voltando a casar-se pela segunda vez.

Ao romper a Primeira Guerra Mundial, Hilferding aliou-se à minoria do partido alemão, que se opôs à aprovação de créditos para a guerra. Em 1915, foi incorporado como médico pelo exército austríaco e passou o resto da guerra na frente italiana. Terminada a guerra, foi convidado pelos líderes do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha,⁸ para voltar a Berlim como editor do jornal *Freiheit*, de propriedade do partido. Opôs-se à filiação do partido à Terceira Internacional, participou das discussões que levaram à criação da "Segunda e Meia" Internacional⁹ e, finalmente, reingressou no partido majoritário, o Partido Social-Democrata alemão, após sua reunificação em 1922. Tendo adquirido a cidadania prussiana em 1920, Hilferding foi indicado para o Conselho Econômico do Reich e tornou-se Ministro das Finanças, de agosto a outubro de 1923, no governo de coalisão de Gustav Stresemann; de junho de 1928 a dezembro de 1929, foi novamente Ministro das Finanças, no governo de Hermann Müller. Eleito para o Reichstag em 1924, permaneceu como membro até 1933. Durante esse período, editou também o jornal *Die Gesellschaft*, para o qual contribuiu com muitos artigos, participando com destaque das atividades do Partido Social-Democrata.

Após a ascensão de Hitler ao poder, Hilferding exilou-se, inicialmente na Dinamarca e depois em Zurique. Participou ativamente do trabalho do Partido Social-Democrata enquanto se encontrava exilado na Tchecoslováquia, colaborando com frequência com a imprensa socialista.¹⁰ Em 1938, foi para Paris, onde encontrou seu amigo Rudolf Breitscheid; após a queda da França, em 1940, foi para uma zona não-ocupada, passando a residir no Hotel Forum, em Arles. Hilferding começou a escrever, aí, seu último trabalho — uma reavaliação da concepção materialista da história, intitulada *Das historische Problem*. Mas em 11 de fevereiro de 1941, o governo Pétain, submetendo-se finalmente aos reiterados pedidos das autoridades alemãs, entregou Breitscheid e Hilferding ao oficial de ligação da SS, Hugo Geissler, em Vichy. Foram, então, levados para Paris, onde Hilferding suicidou-se ou, mais provavelmente, foi assassinado depois de torturado pela Gestapo.¹¹

III

Como já dissemos, Hilferding publicou artigos sobre questões econômicas de 1902 em diante no *Die Neue Zeit*; sua maior contribuição para a teoria econômica marxista foi, no entanto, sua defesa desta contra as críticas de Böhm-Bawerk.¹² O contexto no qual esse trabalho deve ser encarado é o do objetivo perseguido pelos pensadores¹³ da escola marxista-austríaca, de se engajarem no debate crítico com os repre-

⁸ Unabhängige Sozialdemokratische Partei Deutschlands. Este novo partido foi fundado em abril de 1917, numa reunião em Gotha, da qual participaram todos os grupos de oposição social-democrata; figuraram entre seus membros principais: Hilferding, Hugo Hasse, Karl Kautsky, Rosa Luxemburg, Karl Liebknecht, Eduard Bernstein, Franz Mahring e Kurt Eisner. Sobre o breve relato da fundação e a subsequente dissolução do partido, ver BRAUNTHAL, Julius. *History of the International*. Vol. II, p. 59-61, 123-124, 224. Um relato completo é apresentado em PRAGER, Eugen. *Geschichte der unabhängigen Sozialdemokratischen Partei Deutschlands*.

⁹ Ver BRAUNTHAL, *Op. cit.*, p. 233-236.

¹⁰ Principalmente para a *Zeitschrift für Sozialismus*, *Der Kampf*, e o novo *Vorwärts* (sob o pseudônimo de Richard Kern).

¹¹ A data e a forma exatas da morte de Hilferding permanecem incertas e, pelo que eu saiba, nenhuma organização fez, na Alemanha (ou em qualquer outro lugar), qualquer tentativa séria de investigá-la, ou de identificar e de levar à justiça os seus responsáveis.

¹² Ver nota 7.

¹³ Um breve relato da escola encontra-se em BOTTOMORE, Tom e GOODE, Patrick (eds). *Austro-Marxism*, Introdução.

sentantes das novas correntes de pensamento da Filosofia e das Ciências Sociais¹⁴ ou, mais especificamente, o de conter a influência dos "revisionistas" no movimento socialista.¹⁵

Tese principal de Hilferding é a de que a teoria do valor de Marx baseia-se na concepção de "sociedade" e "relações sociais", enquanto a teoria marginalista parte dos indivíduos. No Capítulo I do livro, após observar que "a análise da mercadoria constitui o ponto de partida do sistema marxista", ele prossegue dizendo que "o termo mercadoria... é a expressão das relações sociais entre produtores mutuamente independentes, na medida em que essas relações são efetuadas por intermédio dos bens". Conseqüentemente, "o objeto da Economia Política é o aspecto social da mercadoria, do bem, na medida em que ele é o símbolo da interconexão social". Por outro lado, "toda teoria do valor que parta do valor de uso, isto é, das qualidades naturais da coisa, quer de sua forma acabada como coisa útil, quer de sua função, a satisfação de uma necessidade, começa da relação individual entre uma coisa e um ser humano, em vez de começar das relações sociais de seres humanos entre si. Isso envolve o erro de se tentar derivar uma dimensão social objetiva de uma relação individual subjetiva..."

No capítulo II, sobre o valor e o lucro-médio, Hilferding contesta as críticas específicas de Böhm-Bawerk ao argumento de Marx que se encontra no volume III de *O Capital*.¹⁶ De acordo com Böhm-Bawerk, a teoria da taxa média de lucro e dos preços de produção não pode ser harmonizada com a teoria do valor; há uma contradição fundamental no sistema de Marx. Não tentaremos, aqui, sumarizar as contra-críticas de Hilferding, mas mencionar somente seu argumento geral, ou seja, de que o valor é "o ponto de partida teórico necessário, a partir do qual podemos elucidar o fenômeno peculiar dos preços, que resulta da concorrência capitalista", e que a "lei do valor" governa a transformação do valor em preço de produção durante um longo processo histórico.

No capítulo III, Hilferding sintetiza, enfim, seu raciocínio e formula sua própria crítica à escola marginalista: "a lei do valor torna-se uma lei de movimento para um tipo definido de organização social, que se baseia na produção de mercadorias, pois, em última instância, toda mudança na estrutura social pode ser atribuída a mudanças nas relações de produção, isto é, a mudanças na evolução das forças produtivas e na organização do trabalho (produtivo)". Por outro lado, "o representante da escola psicológica de Economia Política (Böhm-Bawerk) não vê esse nexo social, razão pela qual só pode ter uma compreensão errada de uma teoria que tenha em vista mostrar, especificamente, o determinismo social do fenômeno econômico, uma teoria cujo ponto de partida seja, pois, a sociedade e não o indivíduo".

A publicação da *Böhm-Bawerks Marx-Kritik* — que ainda é, provavelmente, como afirmou Paul Sweezy, "a melhor crítica, do ponto de vista marxista, à teoria do valor subjetivo"¹⁷ — foi o primeiro passo dado por Hilferding na elaboração de uma teoria marxista do desenvolvimento do capitalismo moderno. Nos anos seguintes a

¹⁴ BAUER, Otto. "What Is Austro-Marxism?" In: BOTTOMORE e GOODE. *Austro-Marxism*, p. 45-48. Bauer observa particularmente que os marxistas austríacos "tiveram de entrar em um acordo com a assim chamada escola austríaca de economia política", isto é, com a escola marginalista, cujos principais pensadores eram, ao lado de Böhm-Bawerk, Carl Menger (1840-1921) e Friedrich von Wieser (1851-1926). A primeira crítica substancial marxista austríaca da teoria marginalista havia sido feita por ECKSTEIN, Gustav. "Der vierfache Wurzel des Satzes vom unzureichenden Grunde der Grenznutztheorie" In: *Die Neue Zeit*, XX (1901-2), p. 810-816.

¹⁵ GAY, Peter. *The Dilemma of Democratic Socialism*, observa que a análise marginalista do valor (que também foi formulada, de modo independente, por um economista inglês, William Stanley Jevons) teve grande influência sobre os socialistas fabianos, aos quais Eduard Bernstein devia muitas de suas idéias. O próprio Bernstein chegou a acreditar que ambos os conceitos de valor, o marxista e o marginalista continham parte da verdade, e sugeriu vagamente uma síntese dos dois, mas no essencial ele favorecia o segundo, dizendo que "pesquisamos as leis de formação de preço mais diretamente hoje em dia, e evitamos a digressão das circunvoluções daquela coisa metafísica, o 'valor'" (citado por Gay, p. 174).

¹⁶ A publicação do vol. III de *O Capital*, em 1894, deu ensejo ao estudo de Böhm-Bawerk.

¹⁷ SWEETZ, Paul M. *The Theory of Capitalist Development*, p. 26 n.

1904, ele publicou numerosos artigos e resenhas sobre questões econômicas no *Die Neue Zeit*; trabalhou ao mesmo tempo em *O Capital Financeiro*, cuja estrutura principal estava substancialmente completada em 1906, como ele declara em seu prefácio.

Em *O Capital Financeiro*, Hilferding analisa mais a fundo e à luz de mudanças recentes havidas na economia capitalista, uma série de problemas que antes haviam sido tratados mais brevemente ou apenas citados por Marx nos volumes II e III de *O Capital*. O trabalho é concebido e apresentado, portanto, como um desenvolvimento da teoria de Marx, no qual vários conceitos novos são formulados.¹⁸ Hilferding parte de uma discussão sobre o dinheiro e o crédito; em seguida examina o crescimento das sociedades anônimas e dos cartéis, analisa o fenômeno das crises econômicas e, finalmente, delinea uma teoria do imperialismo.

A parte de menor sucesso do livro talvez seja referente à teoria do dinheiro. Poucos autores posteriores deram maior atenção a ela; Schumpeter rejeitou-a de forma um tanto lacônica e enigmática, como "teoria monetária bastante antiquada".¹⁹ Mas essa parte do estudo de Hilferding tem no mínimo dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, é uma das poucas, mas boas tentativas de desenvolvimento de uma teoria marxista do dinheiro, no curso da qual o autor faz, também, um breve comentário sobre o papel do dinheiro em uma economia socialista.²⁰ Em segundo, a análise da "moeda fiduciária" é uma preliminar essencial para a explicação de Hilferding sobre a posição dominante dos bancos no desenvolvimento recente do capitalismo.²¹

Somente depois de feita essa análise do dinheiro e do crédito, é que Hilferding passa a abordar os principais temas de seu estudo, que são a concentração e centralização crescentes do capital em grandes empresas,²² a formação de cartéis e trusts, o papel dos bancos e, finalmente, as consequências econômicas e políticas dessas mudanças na estrutura da economia capitalista. O aspecto econômico mais importante do crescimento das empresas é "a liberação do capitalismo industrial de sua função de empresário industrial".²³ Essa transformação tem várias consequências. Uma delas é o surgimento do "lucro do lançador" (*Gründergewinn*), que resulta da possibilidade de venda de ações em uma recém-formada sociedade anônima acima do valor do capital já investido na empresa, quando o rendimento sobre esse capital se apresenta mais alto que a taxa de juros corrente dos investimentos.²⁴ O lucro do "lançador de ações" não é somente um incentivo à formação de sociedades anônimas, como também uma fonte de riqueza considerável que se torna disponível para outro investimento. Em ambos os casos, ela estimula a centralização do capital, o cres-

¹⁸ Ver os comentários dos críticos mencionados acima, à p. 1.

¹⁹ SCHUMPETER, J. A. *History of Economic Analysis*, p. 881. Indubitavelmente, algumas partes da análise de Hilferding teriam que ser reconsideradas hoje em dia. Exemplo: sua rejeição da possibilidade de um "papel-moeda puro", sua insistência na necessidade de utilização do ouro nas transações internacionais (p. 57-58 da ed. inglesa) e sua subestimação do papel do crédito ao consumidor. Mas estes últimos desenvolvimentos no funcionamento do dinheiro não invalidam necessariamente os princípios básicos de sua teoria. O comentário de Schumpeter não parece justo, pois em sua própria análise crítica das teorias do dinheiro (no Capítulo VIII), sugere ele que havia pouco progresso na compreensão teórica durante o período em consideração (até Keynes) e já que algumas das teorias escolhidas para criticar já haviam sido criticadas por Hilferding (a de Knapp, por exemplo). Além disso, mesmo nos dias de hoje, a teoria do dinheiro permanece uma das partes menos satisfatórias da teoria econômica, como pode ser observado facilmente pela confusão e controvérsia que prevalecem nas discussões sobre a inflação. É sustentável, penso eu, que o necessário para se constituir uma concepção adequada do dinheiro é uma teoria social mais do que uma estritamente econômica. A teoria que dá o ponto de partida para a análise de Hilferding é, naturalmente, o marxismo; uma outra, em parte aparentada com a primeira, é encontrada em *The Philosophy of Money*, de Georg Simmel.

²⁰ Ver p. 67 da ed. ingl. Para uma discussão marxista mais recente desta questão, ver MANDEL, Ernest. *Marxist Economic Theory*, p. 664-668.

²¹ Como ele escreve no início do Capítulo IV: "Somente a esperança de que por esses meios seja possível descobrir o segredo de como os próprios processos de circulação contemplam o crédito capitalista com o poder para dominar eventualmente todo o processo social, dará ao leitor a coragem para seguir pacientemente 'a via-sacra' 'no capítulo presente' (p. 67 da ed. ingl.)."

²² Usel os termos "sociedade anônima" e "empresa" alternadamente, preferindo um ou outro de acordo com o contexto.

²³ p. 111 adiante.

²⁴ p. 114-118 adiante.

cimento de empresas gigantescas, eventualmente de cartéis e de trustes que controlam ramos industriais inteiros.²⁵

Hilferding poderia certamente afirmar, e com razão, que sua análise das tendências do capitalismo moderno foi consideravelmente além dos breves comentários do próprio Marx sobre as sociedades anônimas, tratando os dividendos e o lucro do lançador de ações como categorias econômicas distintas e desenvolvendo de forma mais exaustiva o significado da separação existente entre a propriedade e o controle da produção, o que permite a um número pequeno de pessoas adquirir o controle sobre um grande número de companhias e estabelecer ligações pessoais que facilitam, depois, a formação de cartéis e de trustes.²⁶ O que mais tem sido criticado na análise de Hilferding é sua atribuição de um papel dominante, neste processo, ao capital bancário, noção sintetizada em sua observação, segundo a qual "tomar posse de seis grandes bancos de Berlim significaria tomar posse das mais importantes esferas da indústria de grande porte".²⁷ Essa tese foi criticada logo após a primeira publicação de seu livro,²⁸ e uma visão igualmente crítica foi adotada subsequentemente por Eduard Heimann²⁹ e por Paul Sweezy,³⁰ entre outros. O próprio Hilferding parece ter introduzido posteriormente alguma ressalva à sua tese, caracterizando o capital financeiro, não como o "estágio final do capitalismo", mas como condição prévia para a emergência do "capitalismo organizado".³¹ Houve quem afirmasse ser a análise de Hilferding inspirada com demasiada exclusividade na experiência da Alemanha³² e da Austría;³³ disseram que deu pouca importância às formas diferentes de relações existentes entre os bancos e as indústrias em outros países capitalistas; em sua introdução à nova edição alemã de *O Capital Financeiro* (1968) Eduard März argumenta, no entanto, que, enquanto as críticas à tese de Hilferding podem estar certas em pontos particulares, a essência de sua tese permanece não afetada, pois os bancos exerceram um papel importante no desenvolvimento da indústria, de meados do século XIX em diante, especialmente nos países relativamente atrasados da Europa Central e, de fato, desenvolveram-se as estreitas ligações pessoais e organizacionais entre o capital industrial e o bancário, que Hilferding descreveu como "capital financeiro".³⁴ Um outro autor recente argumenta que também no caso do capitalismo americano (que Sweezy, por exemplo, contrastou com o capitalismo europeu), por muitos anos "a característica preeminente (...) foi indubitavelmente a dos 'impérios das altas finanças' [e] nestes impérios, os banqueiros exerciam indubitavelmente um papel dominante e organizador".³⁵

²⁵ Hilferding esclarece também que a concentração e centralização do capital é fortemente afetada pelo progresso tecnológico, que torna necessários investimentos muito maiores de capital. Ver capítulo XXI adiante.

²⁶ p. 120-124 adiante.

²⁷ p. 344 adiante.

²⁸ VER REISSER, Jacob. *Die Deutschen Grossbanken und ihre Konzentration*.

²⁹ HEIMANN, Eduard. *History of Economic Doctrines*, p. 165.

³⁰ SWEETZ, Paul. *The History of Capitalist Development*, p. 267-269. Sweezy afirma que "Hilferding confunde uma fase de transição do desenvolvimento capitalista com uma tendência duradoura", e sugere que, uma vez estabelecidas as grandes empresas monopolísticas, elas podem contar com seus próprios fundos gerados internamente para crescerem mais e, assim, tornarem-se menos dependentes dos bancos. Por isso, propõe o "capital monopolista" como expressão mais apropriada para se descrever este último estágio do capitalismo, do que o estágio do "capital financeiro".

³¹ Ver HILFERDING, "Gesellschaftsmacht oder Privatmacht über die Wirtschaft" (1931).

³² Mesmo nesse caso, uma série de críticos, entre eles Reisser (*op. cit.*), apontaram que, em várias das principais indústrias alemãs, o capital bancário nunca teve um papel dominante.

³³ Na Austría, em particular, a ligação entre os bancos e a indústria era bem íntima, como demonstra o recente trabalho de MICHEL, Bernard. *Banques et Banquiers en Autriche au Début du XX^e Siècle*. Ver também os comentários de Eduard März em sua introdução para a nova edição alemã de *O Capital Financeiro* (1968), p. 14. Cabe notar também aqui que o próprio Hilferding (particularmente no capítulo XXI) chama atenção explicitamente para as diferenças substanciais que existem entre a Alemanha e a Inglaterra no que diz respeito ao papel dos bancos. Além disso, no decorrer de sua discussão, comenta alguns aspectos relacionados com o desenvolvimento do capitalismo britânico, que ainda pareciam altamente relevantes para o declínio industrial contínuo da Inglaterra, ao final do século XX.

³⁴ MÄRZ, *Op. cit.*, p. 13 - 15.

³⁵ BROWN, Michael Barratt. *After Imperialism*. Prefácio à segunda edição, p. XXX.

Só muito recentemente, a situação descrita por Hilferding no início deste século talvez tenha começado a mudar significativamente. Edúard März sugere que o declínio do poder do capital financeiro na Europa Ocidental, desde 1945, pode ser atribuído à nacionalização de muitos bancos nos países europeus e ao grande crescimento do papel do Estado na promoção e no financiamento do desenvolvimento industrial.³⁶ Por outro lado, Michael Barratt Brown observa que "o papel do banqueiro é, atualmente, mais o de uma sociedade com os diretores financeiros de companhias gigantescas; os próprios banqueiros tornaram-se mais importantes como intermediários entre as companhias e o Estado. O que os grupos financeiros faziam antes para coordenar os movimentos do capital privado em um mercado que de outra forma seria anárquico, os banqueiros fazem hoje para coordenar a alocação dos fundos do Estado, o comércio internacional e o investimento, os quais, caso contrário, permaneceriam não-planejados".³⁷ Segundo essa interpretação, por mais que o próprio poder do Estado intervencionista tenha crescido, esse Estado tem de lidar ainda com outros poderes — especialmente com as empresas multinacionais e com os banqueiros internacionais, estreitamente associados entre si — e a influência do capital financeiro continua longe de ser desprezível.

As conclusões que Hilferding tirou de sua análise do capital financeiro e da tendência geral observada no sentido de uma centralização cada vez maior do capital foram reunidas nos últimos capítulos de seu livro, sob dois tópicos: a teoria das crises econômicas e a teoria do imperialismo. Em sua discussão sobre as causas das crises,³⁸ Hilferding deixa claro que considera responsáveis por elas o consumo restrito subjacente à base da produção capitalista, mas continua advertindo que "tais expressões como 'superprodução de mercadorias' e 'subconsumo' dizem-nos muito pouco".³⁹ Por conseguinte, prossegue examinando as causas mais específicas sugeridas por Marx no segundo volume de *O Capital*, em particular a desproporcionalidade que se estabelece entre os bens de capital e as indústrias de bens de consumo. Após apresentar essa teoria da "desproporcionalidade",⁴⁰ Hilferding atenta para as mudanças observadas no caráter das crises, que são causadas pelo crescimento dos cartéis.⁴¹ Sob seu ponto de vista, os cartéis não podem evitar o surgimento de relações desproporcionais, mas eles podem transferir o principal ônus de uma crise para as indústrias não-cartelizadas; de um modo mais geral, eles introduzem um certo grau de planejamento e de controle global na economia capitalista. Pode-se observar nessa discussão os germes de sua posterior concepção de "capitalismo organizado", que examinaremos na próxima seção.

A teoria do imperialismo⁴² atraiu inicialmente mais atenção que qualquer outra parte do trabalho de Hilferding e foi também a mais significativa no sentido de proporcionar uma visão geral de suas idéias políticas. Seu principal argumento é muito simples. O desenvolvimento dos monopólios e dos cartéis leva a uma nova forma de protecionismo, destinado a restringir ou a eliminar a concorrência estrangeira no mercado interno. Os preços de monopólio tendem, todavia, a reduzir as vendas internas; as exportações tornam-se, assim, cada vez mais importantes para a manuten-

³⁶ MÄRZ, *Op. cit.*, p. 15.

³⁷ BROWN, Barratt. *Op. cit.*, p. XXXI.

³⁸ Ver capítulos XVI e XVII adiante.

³⁹ p. 233 adiante.

⁴⁰ De um ponto de vista teórico completamente diferente, TUGAN-BARANOWSKY, nos seus *Studien zur Theorie und Geschichte der Handelskrisen in England* (em russo, 1894; versão alemã, 1901), também esboçou uma teoria da "desproporcionalidade". Ele e Hilferding foram fortemente criticados, em sua respectiva época, pelos marxistas ortodoxos (bolcheviques), como "revisionistas" e "reformistas" (ver, por exemplo, SWEETZ, *The Theory of Capitalist Development*, p. 156-162), mas esse tipo de crítica é de pouco interesse, hoje, após a desintegração do próprio marxismo "ortodoxo". Seja como for, Hilferding deixou muito claro suas próprias discordâncias com Tugan-Baranowsky; ver p. 293-294 adiante.

⁴¹ Ver capítulo XX adiante.

⁴² Ver capítulos XXI-XXV adiante.

ção e extensão da produção em grande escala. Ao mesmo tempo, uma nova espécie de expansionismo emerge da exportação de capital, que amplia a região econômica e a escala de produção, desenvolvendo a produção em áreas onde o trabalho é muito barato e ajuda a manter uma taxa de lucro elevada. Tal expansão requer o apoio e a intervenção ativa do Estado, para a aquisição e a manutenção do controle sobre as novas áreas econômicas (frequentemente pela conquista colonial) e leva, eventualmente, a políticas expansionistas nacionais e a uma intensificação do conflito entre os maiores Estados capitalistas. O próprio nacionalismo, afirma Hilferding, é transformado. De uma doutrina de independência nacional, de autonomia cultural e de auto-determinação que é, converte-se em uma idéia de dominação do mundo; torna-se assim, a ideologia do imperialismo.

Em seu primeiro ensaio sobre o imperialismo,⁴³ Schumpeter atribui um valor considerável à teoria marxista austríaca.⁴⁴ Conclui sua exposição dizendo o seguinte: "Assim, temos aqui, dentro de um grupo social [os empreendedores] que possui grande peso político, um forte e inegável interesse econômico em coisas tais como tarifas protecionistas, cartéis, preços de monopólio, exportações forçadas (*dumping*), uma política econômica agressiva, uma política externa geralmente agressiva e guerra, incluindo guerras de expansão, de caráter tipicamente imperialista". Mas Schumpeter também afirma que há tendências compensatórias e que o imperialismo não é um "estágio necessário do capitalismo". Hilferding o concebia claramente como estágio necessário — de fato, como o "estágio final" do capitalismo —, mas a interpretação que ele apresenta de seu significado era bastante diferente da apresentada por outros marxistas. Diferindo de Bukharin, ele não considerava a guerra uma consequência inevitável das rivalidades imperialistas, mas apontava para as várias forças contrárias ao militarismo e à guerra, de projeção em meio ao próprio movimento socialista.⁴⁵ Sua visão geral da transição para o socialismo divergia amplamente de uma seqüência esboçada em *Imperialism and World Economy*, de Bukharin: capitalismo monopolista → imperialismo → guerra → revolução proletária.⁴⁶ Sua concepção era também muito diferente da de Rosa Luxemburg que, em *A Acumulação do Capital*, apresentou uma abordagem do imperialismo visando uma explicação da expansão econômica capitalista mostrando o ponto em que essa expansão cessaria para haver inevitavelmente um colapso do capitalismo.

Na visão de Hilferding, "o colapso do capitalismo será político e social, não econômico"; na parte final de *O Capital Financeiro*, tanto quanto em seus escritos subsequentes, atenta para as diversas tendências políticas e sociais relacionadas com as mudanças econômicas que podem ser observadas no capitalismo moderno. Ele argumenta, primeiro, que os monopólios e os cartéis introduziram um certo grau de regulamentação e de planejamento na Economia, e que esta "socialização efetuada pelo capital financeiro tornou muito mais fácil a superação do capitalismo". A socialização da economia foi reforçada pelo papel desempenhado pelo Estado. Houve, diz ele, "uma completa mudança na relação existente entre a burguesia e o Estado", e um desejo crescente de fortalecer o Estado. Com esse desenvolvimento do intervencionismo estatal pode haver uma alteração na atitude do movimento socialista em relação ao Estado, argumenta Hilferding; não é mais uma questão de "esmagar" o Estado burguês visto como aparelho puramente repressivo, mas de assumir a sua di-

⁴³ SCHUMPETER, J. A. "Zur Soziologie der Imperialismen" (1919).

⁴⁴ Otto Bauer faz uma importante contribuição em seu livro *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie* (1907), na qual Hilferding se inspira.

⁴⁵ Pode-se afirmar que a Primeira Guerra Mundial demonstrou ter Hilferding alimentado ilusões a esse respeito mas, se poderia observar que, embora não aceitasse a idéia da inevitabilidade da guerra, ele enfatizou a tendência de uma possível guerra e o perigo, em particular, de um conflito armado entre a Inglaterra e a Alemanha (p. 311 adiante).

⁴⁶ Ver JOHNSON, Bukharin and the Bolshevik Revolution, p. 27, onde esta diferença é mostrada claramente.

reção e de ampliar seu papel no planejamento e no controle da produção socializada.⁴⁷

Hilferding pode ter exagerado um pouco quando disse que "tomar posse de seis bancos de Berlim... significaria tomar posse das esferas mais importantes da indústria de grande porte"⁴⁸; fato é que, a partir da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento dos Estados de Bem-Estar capitalistas passou a depender enormemente da obtenção do controle do "alto comando"⁴⁹ da economia nesse sentido, e que qualquer avanço posterior para o socialismo democrático nas sociedades ocidentais só pode seguir o mesmo curso.

Hilferding explora também as condições da luta política da classe operária contra as mudanças havidas na estrutura de classe e no imperialismo. Observa que os pequenos produtores tornaram-se cada vez mais hostis à classe operária, e que os empregados assalariados, embora ainda estejam firmemente aliados à burguesia, podem modificar sua sujeição política, no futuro, caso comecem a ressentir-se economicamente dos preços de monopólio e dos altos impostos que são necessários para financiar a expansão nacional; discute, de modo mais geral, a possibilidade de se encontrar na classe média os aliados do movimento da classe operária, em termos que apresentam uma ressonância bem moderna.⁵⁰ Ao mesmo tempo observa, todavia, que o crescimento dos empregados assalariados criou um novo sistema hierárquico, sistema que ajuda a sustentar a ordem social burguesa: "O interesse por uma carreira, o esforço em busca de ascensão que se desenvolve em toda hierarquia é, então, despertado em cada empregado individual e triunfa sobre seus sentimentos de solidariedade. Todos esperam suplantar os outros e trabalhar para encontrar uma saída da condição de semi-proletário e atingir os ápices da renda capitalista."⁵¹ Hilferding mostra que as políticas protecionista e expansionista do capital financeiro são fundamentalmente prejudiciais à classe operária — aumentam o poder das organizações dos empregadores, elevam o custo de vida, impõem uma carga pesada de taxaço, enfraquecem a democracia, fortalecem uma ideologia que glorifica a força e tendem a produzir um conflito armado entre os Estados capitalistas, dentro dos quais os trabalhadores seriam os principais atingidos — ainda que, sob outro aspecto, o capital financeiro crie pré-condições econômicas para uma sociedade socialista. Conseqüentemente, a política da classe operária deveria expressar uma implacável hostilidade ao militarismo e à política externa beligerante. Não há sugestão alguma na análise de Hilferding se a guerra imperialista deva ser considerada a ocasião mais favorável para a derrubada do capitalismo; ao contrário, é em uma luta vitoriosa contra a política expansionista e as preparações para a guerra que a classe operária tem a sua melhor chance de chegar a uma sociedade socialista.

Desde o período que vai de 1910 a meados daquela década, quando Hilferding, Rosa Luxemburg, Bukharin e Lênin escreveram seus estudos sobre o imperialismo, nenhuma revisão maior da teoria marxista foi empreendida, embora as características do imperialismo tenham mudado consideravelmente. Uma teoria nova do imperialismo que, com referência ao objeto em apreço, se encontrasse estritamente vinculada

⁴⁷ Este tomou-se o ponto de vista geral dos marxistas austríacos. Karl Renner, por exemplo, que observou em seus ensaios sobre o "Problema des Marxismus" (1916), como a economia de guerra havia fortalecido essas tendências, escreveu: "nossos opositores (...) estão desorientados pela idéia de que o Estado soberano tenha agora a função de vender batatas e comercial gado", ou que "reivindicamos, mas nossos opositores contestam, essas novas tarefas". Para uma tradução inglesa de extratos desses ensaios, ver BOTTOMORE, Tom e GOODE, Patrick. *Austro-Marxism*, p. 91-101.

⁴⁸ Convém notar, no entanto, que Hilferding não equipara essa ação ao avanço do socialismo, deixando claro, ao contrário, que se trata apenas de um passo preliminar.

⁴⁹ Essa expressão foi usada por Otto Bauer em seu ensaio sobre o fascismo (1938) e passou a ser amplamente empregada após 1945.

⁵⁰ De fato, pode-se afirmar que Hilferding fixou as diretrizes para toda a discussão, até os tempos atuais, do significado político da "nova classe média" (embora não gostasse dessa expressão), em relação ao movimento operário.

⁵¹ p. 325 adiante.

a corrente principal do pensamento marxista, dificilmente seria adequada à compreensão das características acima referidas. Embora persista o imperialismo capitalista — ou aquilo que, após a dissolução dos impérios coloniais, às vezes é chamado de “neo-imperialismo” — a concorrência entre os Estados capitalistas tem sido muito ampla e altamente regulamentada com sucesso, desde o fim da Segunda Guerra Mundial; a ameaça de conflito armado entre os Estados capitalistas é um dos perigos menores com que a humanidade se defronta agora. Por outro lado, é evidente que uma política expansionista também vem sendo perseguida por Estados não-capitalistas; alguns dos conflitos mais agudos da atualidade nasceram entre Estados que se dizem socialistas e orientados pela doutrina marxista. A situação que se registra no século XX dá, portanto, alguma credibilidade ao ponto de vista de Schumpeter, de que o imperialismo não é um traço necessário do capitalismo, quanto à concepção posterior da escola marxista austríaca, formulada particularmente por Karl Renner, do “imperialismo social”, ou seja, do imperialismo de todo um povo, que é uma consequência do nacionalismo extremado.⁵²

IV

Desde o próprio início de sua carreira e a exemplo do que sucedeu com os outros marxistas austríacos, Hilferding esteve extremamente envolvido na política partidária, primeiro na Áustria, depois, durante a maior parte de sua vida adulta, na Alemanha.⁵³ Depois de participar do movimento estudantil socialista e do Partido Social-Democrata, e de ajudar a criar os *Marx-Studien* em Viena, tornou-se, em 1906, o editor estrangeiro do *Vorwärts* em Berlim e atuou na liderança do Partido Social-Democrata Alemão. No período anterior a 1914, três grupos principais podiam ser distinguidos no Partido Social-Democrata (SPD) — os “revisionistas”, os “radicais de esquerda” e os “centristas” — e Hilferding associou-se aos “centristas”, ligado particular e estreitamente a Karl Kautsky.⁵⁴ Assim, nos debates que ocorreram a partir de 1904, acerca da greve geral, Hilferding sustentava a posição dos “centristas”, argumentando que a greve geral política era uma arma a ser utilizada como último recurso, ou como meio a ser usado no estágio final da luta pelo socialismo; ao mesmo tempo, enfatizava a importância da atuação política eleitoral e a da ação parlamentar.⁵⁵

Depois de servir como médico, no exército austríaco, durante a guerra, Hilferding regressou à Alemanha e, como já foi dito, tornou-se editor do *Freiheit*, jornal do Partido Social-Democrata Independente (USPD). Participou ativamente dos debates sobre os conselhos dos trabalhadores,⁵⁶ sobre o programa de “socialização”,⁵⁷ e foi um

⁵² Como veremos mais adiante, esta idéia foi desenvolvida ainda mais por Hilferding em seu último trabalho.

⁵³ Nenhum estudo mais amplo da vida e da obra de Hilferding foi publicado ainda. No breve relato que se segue tomei como base o trabalho de Willfried Gottschalch, *Strukturveränderungen der Gesellschaft und politisches Handeln in der Lehre von Rudolf Hilferding*, que fornece boa informação sobre a carreira política de Hilferding; consultei também numerosas outras fontes, que são citadas, a seguir, em pontos relevantes. Estas também constam da Bibliografia no final deste volume. Além disso, com a gentileza do falecido Prof. Catedrático David Spitz, e de sua viúva, a Professora Catedrática Elaine Spitz, pude examinar o extenso material manuscrito que Morris Wainick preparou com o objetivo de escrever uma introdução política de Hilferding. Finalmente, foram de grande ajuda igualmente os numerosos comentários do Dr. Peter Milford ao primeiro rascunho de minha introdução. Entretanto, quero deixar claro que nenhuma das pessoas mencionadas tem qualquer responsabilidade pelos juízos eventualmente emitidos sobre a atuação política de Hilferding que eu aqui expresseo.

⁵⁴ Ver suas cartas a Kautsky, de 1902 a 1937, guardadas no Instituto Internacional de História Social, em Amsterdam. (idem, XXIII, 2, 1904-5). Ver também a discussão em GOTTSCHALCH, *Op. cit.*, p. 70-81.

⁵⁵ Ver seu artigo, “Ausbau des Räteystems”. In: *Freiheit*, 5 de fevereiro de 1919.

⁵⁶ Sobre a “socialização”, ver GOODE, Patrick, KORSCH, Karl, *A Study in Western Marxism*. Capítulo II; e CARSTEN, F. L., *Revolution in Central Europe, 1918-1919*. Capítulos V-VII.

dos onze membros da Comissão sobre a Socialização da Indústria, estabelecida pelo governo social-democrata em novembro de 1918; foi-membro também da comissão que tratou particularmente da socialização da indústria de mineração do carvão.⁵⁸ Estava, ao mesmo tempo, engajado em uma violenta controvérsia política dentro do Partido Social-Democrata Independente numa tentativa de manter a unidade do partido e de preparar o caminho para a reunificação de todo o movimento político da classe operária, em oposição aos esforços para se criar um novo Partido Comunista filiado à Terceira Internacional.⁵⁹ Em 1921, participou também da fundação da “Segunda e Meta” Internacional, que constituía mais uma tentativa de unir novamente o movimento dos trabalhadores, tentativa fortemente apoiada por muitos marxistas austríacos.⁶⁰

O período mais ativo da carreira política de Hilferding estende-se de 1920 (quando tornou-se membro do Conselho Econômico do Reich) à 1933, época em que foi membro do Reichstag (desde 1924) e Ministro das Finanças em dois governos alemães. É difícil avaliar, pelo que se sabe atualmente, os programas políticos ou as realizações de Hilferding como Ministro das Finanças.⁶¹ Em sua primeira gestão, durante o governo de Gustav Stresemann, ele só ocupou o Ministério durante sete semanas, de meados de agosto até início de outubro de 1923, não tendo, pois, tempo para concretizar os seus programas. Durante o mês de setembro, no entanto, elaborou um plano para a reforma do padrão monetário, envolvendo a introdução de um *Rentenmark*, com lastro ouro; insistiu então em afirmar que a introdução bem-sucedida de uma nova moeda corrente, para deter a inflação, dependeria também do término do financiamento imprudente da resistência pacífica à ocupação francesa e belga do Ruhr.⁶²

Na segunda oportunidade, Hilferding foi Ministro das Finanças no governo de Herman Müller, de junho de 1928 a dezembro de 1929. Nessa época, as dificuldades financeiras do Estado alemão haviam crescido enormemente, em grande parte devido à incompetência dos governos anteriores. Nesse sentido escreve Schumpeter: “agora temos um ministro socialista que enfrentando a tarefa, excepcionalmente difícil, de restabelecer ou de aperfeiçoar uma situação herdada de políticas financeiras não-socialistas”.⁶³ Hilferding foi criticado por alguns comentaristas por não empreender uma reforma maior das finanças públicas, mas considerava-a impossível de ser concretizada enquanto não fosse solucionado o problema das reparações. Por outro lado, viu claramente que, na situação presente, era necessário um aumento dos impostos, mas suas propostas encontraram forte oposição, mesmo dentro do próprio partido, e não foram aprovadas. Em dezembro 1929, quando o Ministério das Finanças se encontrava negociando um empréstimo com um grupo de bancos norte-americanos, o presidente do Reichsbank, Hjalmar Schacht, publicou um *memorandum* no qual criticava com veemência os planos do Governo e exigia medidas de emergência; em consequência disso, Hilferding renunciou ao cargo.

Durante esses anos e no período seguinte, até 1933, Hilferding e os outros líderes do Partido Social-Democrata também tiveram de enfrentar problemas políticos extremamente difíceis e perigosos, provenientes da depressão econômica e da força

⁵⁸ O relatório sobre a indústria de mineração de carvão parece ter sido o único trabalho importante realizado pela Comissão geral.

⁵⁹ Ver especialmente seu discurso contra Zinoviev na Conferência do USPD em Halle (1920), publicado sob o título de “Revolutionäre Politik oder Machillusioenen?”

⁶⁰ A importância da unidade do movimento operário foi fortemente enfatizada posteriormente por Otto Bauer em seu ensaio “What is Austro-Marxism?” Ver BOTTOMORE e GOODE, *Op. cit.*, p. 45-48.

⁶¹ A recente publicação das minutas do gabinete de Hermann Müller permite-nos consultar uma fonte útil para um estudo eventual do segundo mandato de Hilferding. Encontram-se aí pequenos relatos de seu trabalho como Ministro das Finanças em GOTTSCHALCH, *Op. cit.*, p. 20-26; e em EYCK E., *Geschichte der Weimarer Republik*, v. II, capítulo 18, no qual me baseei aqui.

⁶² GOTTSCHALCH, *Op. cit.*, p. 21.

⁶³ SCHUMPETER, J. A. “Erbchaftsteuer” (1928). Citado em GOTTSCHALCH, *Op. cit.*, p. 24.

rapidamente crescente do Partido Nacional Socialista. Em 1928, escrevia Julius Brauntal, "a social-democracia alemã estava no auge do poder"; triunfara com mais de nove milhões de votos nas eleições para o Reichstag, em maio de 1928, surgindo decididamente como o partido mais forte. "Apenas dois anos depois, enfrentava uma luta de vida e morte com os nacionais-socialistas"⁶⁴ que haviam aumentado enormemente sua votação nas eleições de setembro de 1930 e haviam se tomado o segundo maior partido do Reichstag. Desde então, muitas críticas foram dirigidas à política desenvolvida pela liderança do SPD após 1930, críticas que implicavam "a aceitação do mal menor", isto é, o apoio ao governo de Brüning, que administrava através de decretos de emergência, como alternativa única de um gabinete que corria o perigo de cair, direta ou indiretamente, sob o controle de Hitler, capaz de destruir todos os direitos democráticos.⁶⁵ Entretanto, o que se criticou mais severamente foi a política adotada pela liderança do SPD após os acontecimentos de junho/julho de 1932 — quando Hindenburg destituiu Brüning, dissolveu o Reichstag, anulou o ato que proibia as formações paramilitares nazistas (SA e SS), e declarou estado de emergência em Berlim e em Brandenburg — a liderança do SPD continuou apoiando a idéia de "oposição legal" e a depositar suas esperanças em um declínio do apoio aos nacionais-socialistas nas eleições do Reichstag, que iriam realizar-se logo depois.

Qual era a alternativa? Os líderes social-democratas, escreve Brauntal, "tremaram de medo com a perspectiva de uma carnificina caso explodisse uma guerra civil"; eles estavam "profundamente convencidos de que a democracia e a República de Weimar seriam destruídas pela guerra civil e que o avanço das classes trabalhadoras seria contido por décadas". Não há dúvida de que Hilferding partilhava totalmente dessas convicções que eram, seja como for, compartilhadas pelos marxistas austríacos em geral.⁶⁶ No entanto, ambos os partidos social-democratas, o alemão e o austríaco, endossavam a idéia de "violência defensiva" — a greve geral e a resistência armada — em certas circunstâncias, e pode-se argumentar (coisa que Brauntal e outros fizeram) que essas táticas teriam sido mais efetivas para conter o avanço do fascismo.⁶⁷ Alguns dos que criticaram mais vigorosamente o fracasso do SPD em sua oposição ao nacional-socialismo têm atribuído o mesmo a uma perda de dinamismo, resultante, pelo menos em parte, da relutância de uma liderança envelhecida, em dar qualquer responsabilidade aos elementos mais jovens do partido, e de sua falta de habilidade em atrair o apoio entusiástico dos jovens alemães.⁶⁸ Por mais que isso tudo pudesse ter tido alguma importância, em conjunto com as outras influências discutidas por Bracher,⁶⁹ acho que o fator principal — no caso de Hilferding certamente

⁶⁴ BRAUNTHAL, Julius. *History of the International*. V. II, 1914-1943, p. 354.

⁶⁵ Ver a discussão em BRAUNTHAL. *Op. cit.*, p. 356-360. Essa estratégia era fortemente combatida pela ala esquerda do partido, agrupada em torno do jornal *Der Klassenkampf*. Max Adler, que era um dos editores desse jornal, perencia à ala esquerda do partido austríaco. Ver seus comentários sobre a situação da Alemanha em seu ensaio "Metamorphosis of the Working Class" (1933), traduzido em BOTTOMORE e GOODE. *Op. cit.*

⁶⁶ Otto Bauer reiterava em seu relatório para o Quarto Congresso do Trabalho e da Internacional Socialista em julho de 1931 (no contexto de ascensão do fascismo na Alemanha e na Áustria) sua doutrina da "violência defensiva", dizendo: "Nós não queremos que o socialismo resulte em uma guerra civil sangrenta; nós não queremos que ele surja como resultado de outra guerra entre nações ou países; nós não queremos que o socialismo emerja de um mar de sangue derramado sobre as ruínas da civilização. Nós queremos o caminho da democracia (para o socialismo); queremos usar os métodos da democracia para atingir o socialismo". Citado em BRAUNTHAL. *Op. cit.*, p. 364. Discuti esse aspecto da doutrina marxista austríaca em minha Introdução para BOTTOMORE e GOODE. *Op. cit.*, p. 40-43.

⁶⁷ Ver BRAUNTHAL. *Op. cit.*, p. 372-375, 380-386, e MATTHIAS, E. "Social Democracy in the Weimar Republic". In: NICHOLLS, A. e MATTHIAS, E. *German Democracy and the Triumph of Hitler*.

⁶⁸ Ver, por exemplo, EDINGER, Lewis J. "German Social Democracy and Hitler's 'National Revolution' of 1933: A Study in Democratic Leadership" (1953). Edinger assinala que, enquanto a média das idades dos doze líderes mais importantes do SPD (entre eles, Hilferding) era de 58 anos, a dos doze principais líderes nacionais-socialistas era de 37 anos. Em 1931, somente 19% dos membros do SPD tinham menos de 30 anos, comparados com os 38% dos membros do partido nazista (p. 335, n. 2). Ver também a discussão dos problemas da "oposição legal", por BRACHER, Karl Dietrich, SAUER, Wolfgang e SCHULZ, Gerhard. *Die nationalsozialistische Machtergreifung*. p. 62-66.

⁶⁹ BRACHER et al., *op. cit.* Ver também p. 27 adiante.

— fora o profundo comprometimento com o socialismo democrático e a convicção de que as preparações para uma luta violenta poderiam somente acelerar a destruição final da democracia de Weimar. Esse ponto de vista deu origem a uma confiança excessiva na idéia de que um regime legal poderia ser mantido de fato, e à interpretação de Hilferding de que a queda substancial da votação dos nacionais-socialistas nas eleições de novembro de 1932 e a demissão do chanceler, von Papen, constituíam o primeiro passo para a restauração do sistema democrático, no qual o SPD estaria apto outra vez a ocupar seu lugar no governo. Hilferding parece ter se apegado àquelas esperanças (embora, talvez, com crescente desencanto) até que, finalmente, no início de fevereiro de 1933, foi obrigado a entrar subitamente para a clandestinidade para escapar da Gestapo e abandonar o país.

Quer parecer-me estar claro, igualmente, que o nacional-socialismo poderia ter sido muito mais efetivamente combatido em uma época anterior e sem qualquer risco de guerra civil, se não fosse a divisão do movimento da classe operária alemã entre o SPD e o Partido Comunista (KPD) e a política do próprio KPD. Desde 1928 o KPD (na época completamente subserviente ao Comintern, isto é, à URSS) havia obedientemente seguido a diretriz de Stálin de intensificar a luta contra a social-democracia, à qual se referia como "social-fascismo". O crescimento fenomenal da votação dos nacionais-socialistas em setembro de 1930 não alarmou os líderes do KPD, que argumentavam não haver diferença entre a democracia burguesa e a ditadura fascista. Bem mais tarde, ainda, como em abril de 1932, durante a campanha eleitoral para a presidência, Ernst Thälmann declarava que a luta do KPD era "dirigida, em primeiro lugar, contra os partidos de massa e contra-revolucionários mais importantes, como o Partido Social-Democrata e o Partido Nazista, e que mesmo nessa luta, o principal golpe deveria ser desferido contra o Partido Social-Democrata."⁷⁰ Nessas circunstâncias, não é de surpreender que Hilferding — a exemplo de outros marxistas austríacos, fosse por muito tempo um crítico vigoroso da ditadura soviética e respondesse⁷¹ a seus representantes na Alemanha que a própria luta dos social-democratas contra a liderança do KPD era uma contrapartida fundamental de sua luta na restauração da democracia alemã através do fim do regime "presidencialista". Hilferding havia se oposto ao afastamento dos ministros do SPD do governo de coalisão em 1928-30 e considerava o resultado das eleições de novembro de 1932 como abertura do caminho para a renovada participação do SPD no governo.

Gottschalch sugere⁷² que Hilferding interpretara de forma equívoca a situação social e política da Alemanha, durante os anos de crise, e fora levado a erros políticos, em decorrência de sua teoria do "capitalismo organizado" que superestimava a capacidade do movimento operário de limitar e controlar o poder econômico e político dos grandes cartéis e das empresas através da organização do Estado existente e, desta forma, comprometeria o avanço gradual e pacífico para o socialismo. Hilferding teve pouca oportunidade, nos anos entre a Primeira Guerra Mundial e a tomada de poder pelos nacionais-socialistas, para dedicar-se a qualquer estudo teórico de maior fôlego, mas além de seus artigos sobre os problemas econômicos e políticos correntes, escreveu vários ensaios importantes nos quais melhor desenvolveu algumas das idéias esboçadas em *O Capital Financeiro*, particularmente sua noção de "capitalismo organizado".⁷³ Esse conceito envolvia três elementos fundamentais: primeiro, o capitalismo moderno teve êxito a nível nacional — como resultado do domínio econômico das grandes empresas e dos bancos, e da alteração verificada nas relações entre

⁷⁰ Citado em BRAUNTHAL. *Op. cit.*, p. 369.

⁷¹ HILFERDING. "Zwischen den Entscheidungen" (1933).

⁷² *Op. cit.*, p. 224-225.

⁷³ Hilferding usou pela primeira vez o termo em seu ensaio "Arbeitsgemeinschaft der Klassen?" (1915), e expôs sua concepção de forma mais completa em "Probleme der Zeit" (1924).

a burguesia e o Estado, o que havia levado à ampla intervenção do Estado na economia, introduzindo certo grau de planejamento na vida econômica; segundo, tal planejamento expandiu-se, em certa medida, em economia internacional, em decorrência do que as relações pós-guerra entre as nações capitalistas passavam a assumir, do ponto de vista de Hilferding, características de um "pacifismo realista";⁷⁴ terceiro, esses desenvolvimentos alteraram necessariamente as relações da classe operária com o Estado. Sobre esta última questão, Hilferding demonstrou que no novo sistema democrático da República de Weimar, a tarefa da classe operária consistia em ampliar a democracia através da reforma do sistema educacional e da administração da justiça, reduzindo os poderes do presidente do Reich e fornecendo oportunidades reais para a massa do povo participar na vida política, e de, ao mesmo tempo, usar seu poder político para transformar uma economia organizada e planejada pelas grandes empresas em uma economia que fosse planejada e controlada pelo Estado democrático. Rejeitou inteiramente a idéia de que a República de Weimar fosse uma mera "democracia burguesa", assim como simples antítese entre a democracia "real" e a "fornal", argumentando que o socialismo sempre constituiu o cerne do movimento democrático e que era inseparável da democracia.⁷⁵ No ensaio que citei anteriormente,⁷⁶ ele observou — em termos que se tornaram novamente muito familiares nas análises políticas recentes — que duas opções se apresentam para a classe operária no "capitalismo organizado": deixar-se assimilar por uma sociedade capitalista mais efetivamente planejada, mas ainda hierárquica, capaz de assegurar altos níveis de vida material, ou avançar rumo a uma sociedade socialista democrática. Hilferding voltou ao tema posteriormente.⁷⁷

Sem dúvida, é possível interpretar o conceito de "capitalismo organizado" de Hilferding, à maneira de Gottschalch, ou seja, refletindo uma estabilização simplesmente temporária do capitalismo no período que vai de 1924 a 1929,⁷⁸ e atribuir, então, os fracassos políticos do SPD, nos anos seguintes de crise, a essa análise errônea. Mas, de um ponto de vista mais amplo, se consideramos todo o período dos anos 20 aos 70, parece-me que a teoria geral de Hilferding deve ser considerada substancialmente correta. Mesmo na crise econômica de 1930, os maiores Estados capitalistas não experimentaram aquele grau de instabilidade que permitiria o desenvolvimento de um movimento revolucionário significativo, e o resultado principal da crise foi o de promover um maior crescimento da intervenção do Estado que, como no caso do *New Deal* de Roosevelt, ajudou a "salvar o capitalismo", para criar as condições em que este fosse capaz de retomar seu rápido crescimento após 1945, e de possibilitar o desenvolvimento dos "Estados do Bem-Estar" e das "economias mistas". Na medida em que Hilferding fez sérios juízos políticos errôneos — e isto teria de ser demonstrado por um estudo mais profundo e detalhado de sua carreira — estes deveriam ser atribuídos, a meu ver, à complexidade e, sob um outro aspecto, à desesperança da situação alemã, num contexto internacional altamente desfavorável, muito mais do que a fragilidades fundamentais de sua análise teórica. As características cruciais da sociedade alemã eram seu profundo autoritarismo e nacionalismo — os quais o movimento revolucionário de 1918 (como Hilferding reconhecia) não conseguiu erradicar ou mesmo diminuir seriamente, porque a ala direita

⁷⁴ HILFERDING, "Realistischer Pazifismus" (1924).

⁷⁵ HILFERDING, "Die Aufgaben der Sozialdemokratie in der Republik" (1927).

⁷⁶ "Arbeitsgemeinschaft der Klassen?" (1915).

⁷⁷ Em "Die Sozialisierung und die Machtverhältnisse der Klassen" (1920) e "Probleme der Zeit" (1924).

⁷⁸ GOTTSCHALCH, *Op. cit.*, capítulo VI. Ele cita aqui a forma como Siegfried Marck descreve Hilferding: um "teórico da coalizão política no período de estabilização capitalista" (p. 207). Entretanto, Gottschalch também reconhece em sua conclusiva discussão que Hilferding teve sucesso na identificação de algumas importantes tendências, a longo prazo, do desenvolvimento capitalista (p. 265).

dos líderes do SPD não tentou destruir o poder dos velhos proprietários rurais e dos grupos militares — e a total ausência de uma tradição democrática estabelecida e forte.⁷⁹ Foram essas as condições sociais e culturais que propiciaram o ambiente favorável para o crescimento do movimento fascista;⁸⁰ por outro lado, tornaram questão de vital importância para os social-democratas a de sustentarem, na medida do possível, a democracia combalida e frágil da República de Weimar.

V

Como em meados dos anos 30, os nacionais-socialistas consolidaram seu domínio na Alemanha e o fascismo tornou-se vitorioso na Áustria, Hilferding, outros marxistas austríacos e alguns líderes do SPD, reconheceram a necessidade de um tipo de estratégia política mais revolucionária, e o uso da força, com o objetivo de se fazer uma oposição mais efetiva ao fascismo.⁸¹ Essas preocupações são claramente visíveis em seu último trabalho incompleto, *Das historische Problem*,⁸² produto teórico de três décadas de reflexões e de uma experiência política que abrangiam duas guerras mundiais, a crise econômica dos anos 30, o triunfo do fascismo na Alemanha e na Áustria e o estabelecimento da ditadura de Stálin na URSS. Hilferding empreendeu, então, uma revisão sistemática de sua concepção de Estado, o qual — a exemplo de outros marxistas austríacos⁸³ — ele também havia considerado, durante muito tempo, um elemento cada vez mais independente nas sociedades industriais e democráticas do Ocidente. Reconheceu, então, que esse poder independente podia ser transformado em um instrumento de opressão total, mais do que ser usado em um sistema democrático.

A nova análise do Estado empreendida por Hilferding foi apresentada resumidamente em um artigo, sobre "Capitalismo de Estado ou Economia do Estado Totalitário" (1940), em que discute a natureza da sociedade soviética;⁸⁴ esta é melhor desenvolvida ainda em *Das historische Problem*. No último texto, o autor afirma que "a superestrutura política da sociedade é por si só um poder com seus próprios órgãos, suas próprias tendências e seus próprios interesses. O desenvolvimento do poder de Estado acompanha o desenvolvimento da economia moderna". E continua: "O problema político do período de pós-guerra consiste na mudança de relação entre o Estado e a sociedade, ocasionada pela *subordinação da economia* ao poder coercitivo do Estado. O Estado torna-se um Estado totalitário na medida em

⁷⁹ Os limites do pensamento liberal e democrático alemão são bem ilustrados nos escritos políticos de Max Weber, que são, acima de tudo, intencionalmente nacionalistas. Ver, para um excelente resumo da visão de Weber, MOMMSEN, Wolfgang, *The Age of Bureaucracy*.

⁸⁰ Estes aspectos da ascensão do Nacional Socialismo são de um peso considerável em BRACHER, *Op. cit.*, Introdução.

⁸¹ Ver seu artigo "Revolutionärer Sozialismus" (1934) e artigos posteriores (sob o pseudônimo de Richard Kern) em *Neuer Vorwärts*, e os comentários feitos por EDINGER, Lewis J. *German Exile Politics*, p. 183-184, 197. No final da década de 30, como observaram Edinger e outros, a perspectiva de Hilferding havia se tornado cada vez mais pessimista devido à concentração do poder — militar e outros — dos Estados totalitários, e isso se refletiu em seus escritos desse período. Isso também pode explicitar o fato de não ter feito esforços muito grandes, após a queda da França, para exilar-se em um país mais distante.

⁸² O manuscrito foi publicado, primeiramente, com uma introdução de Benedikt Kausky, em *Zeitschrift für Politik* (1954), e minhas referências no texto correspondem à numeração das páginas daquele jornal. Espero publicar, no devido tempo, uma tradução inglesa completa do trabalho.

⁸³ Principalmente em seus artigos sobre o "Probleme des Marxismus", Karl Renner referiu-se a isto na nota 47 acima; referiu-se também a eles em outros escritos posteriores, inclusive em seu trabalho póstumo, *Wandlungen der modernen Gesellschaft* (1953).

⁸⁴ Nos parágrafos finais, Hilferding observa que os marxistas esperavam que o Estado desaparecesse em uma sociedade socialista: "Mas, a história, o melhor de todos os marxistas, tem nos ensinado uma outra lição. Ela tem nos ensinado que, apesar das expectativas de Engels, a 'administração das coisas' pode tornar-se uma limitada 'dominação dos homens' e, assim, leva não só à emancipação do Estado em relação à Economia, como também à sujeição da Economia aos detentores do poder do Estado".

que esse processo de subordinação ocorre...⁸⁵ Mais adiante ele observa que: "A subordinação de todo processo social historicamente significativo para a consciência do Estado, para a vontade consciente do Estado, significa a supressão das áreas de vida social que se encontravam previamente livres da influência do Estado e eram reguladas por leis autônomas."⁸⁶

Hilferding volta-se então, para uma exposição crítica da "Interpretação Marxista da História", com especial atenção voltada para a concepção de Estado desenvolvida por Marx, pensador que não "atribuiu a ele nenhum poder independente"⁸⁷ e para o "problema mais difícil" da "relação entre interesses de classe e consciência de classe". Nesse sentido, ele discute o longo e complexo processo histórico, no qual interesses particulares sofrem uma transformação em nível de consciência e são "idealizados em interesses gerais, donde resulta que as demandas econômicas e sociais do grupo são transformadas em reivindicação que passa a dominar a sociedade como um todo."⁸⁸ O manuscrito termina no ponto em que Hilferding inicia a análise dos problemas da consciência da classe operária e observa que "em nenhum lugar a consciência socialista conseguiu arrebatar a classe operária toda".⁸⁹ Esse era, obviamente o prelúdio da discussão sobre as razões do fracasso do movimento operário em sua oposição efetiva ao surgimento do fascismo e ao estabelecimento, em suas diversas formas, de um poder de Estado despótico ilimitado.

O Capital Financeiro é um dos trabalhos clássicos da teoria marxista e, como tentei mostrar nesta introdução, possui muito mais do que um interesse puramente histórico para a geração atual. As idéias que Hilferding formulou aqui, ou desenvolveu ainda em seus escritos posteriores — sobre o papel dos cartéis e trustes, tanto no plano nacional, como no plano internacional, sobre a influência dos bancos, o "capitalismo organizado" como estágio do movimento rumo a uma economia socializada, o crescimento do "Estado intervencionalista" com sua potencialidade intrínseca, capaz de transformar-se em um sistema de poder total, ou sobre as formas de atuação do imperialismo — são todas altamente relevantes para a análise das tendências econômicas e políticas recentes e correntes, e são mais amplamente discutidas que antes, em qualquer época desde os anos 20. Acima de tudo, o livro de Hilferding se nos apresenta como um modelo para qualquer nova tentativa que procure "alcançar um conhecimento científico... da última fase do desenvolvimento capitalista", nas condições atuais tão modificadas, após mais de setenta anos de um crescimento deveras tempestuoso.

Tom Bottomore

⁸⁵ *Das historische Problem*, p. 296.

⁸⁶ *Op. cit.*, p. 297. Essa análise é muito semelhante à realizada mais tarde por um sociólogo polonês, que passou pela experiência de viver sob o Estado totalitário de duas formas: ele escreveu em um estudo sobre a estrutura de classe o seguinte: "Em situações nas quais mudanças de estrutura social são governadas em maior ou menor grau pela decisão das autoridades políticas... estamos longe de classes concebidas como grupos surgidos de atividades espontâneas de indivíduos ou, no máximo, de organizações de classe criadas espontaneamente... onde as autoridades políticas podem aberta e efetivamente mudar a estrutura de classe: onde os privilégios mais importantes para o status social, incluindo aqueles de uma parcela mais alta da renda nacional, são conferidos por uma decisão das autoridades políticas; onde uma grande parte, ou mesmo a maioria da população, está incluída em uma estratificação do tipo a ser encontrado em uma hierarquia burocrática — o conceito de classe do século XIX torna-se mais ou menos um anacronismo e os conflitos de classe são substituídos por outras formas de antagonismo social (OSSOWSKI, Stanislaw, *Class Structure In the Social Consciousness*, p. 184).

⁸⁷ *Das historische Problem*, p. 315. Hilferding argumenta, então, que esta interpretação é válida somente para alguns, e não para todos os períodos históricos.

⁸⁸ *Op. cit.*, p. 320.

⁸⁹ *Op. cit.*, p. 324.

O Capital Financeiro